

A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILUSTRADA

PEQUENA CHRONICA

A quinzena foi fertil. Quinzena que faz lembrar aquellas sobrecaças antigas, uns «chadeiros», na phrase popular do Minho.

Na Collegiada a festividade do Coração de Jesus...

Ah! mas é necessario pôr de sobre-aviso a critica barcelleira, que não julgue que eu estou aqui a fazer chronica de sacristia.

Aquillo fallava ao coração: suggestionava. O templo adornado elegantissimamente, n'um gosto fino, de fino dandysmo artistico, damascos e sêdas, e um sol fulvo e loiro como a trança d'aquella dama luarenta das minhas visões de subjetiivista, vinha escoando-se madorramente, na palpitacão d'um desejo e na illusão d'uma esperanza, até que a sua claridade tonificante, alegre, dominante, se esbatia nos azulejos e nos altares... E as imagens como que o bendiziam, o sol abençoado de Deus, n'um sorriso de perola, na crystalinidade d'um ósculo sagrado.

Mas é que o sol vinha cobrir, n'um manto de ouro e gloria, as gentis creanças, as avezitas pipilrantes, que, pela primeira vez, se acercavam da meza eucharistica, a receber no seu coração o grandissimo e santissimo coração de Jesus.

Quem ha por ali, n'essa turba-multa de descrentes e de pessimistas, que não sinta bater-lhe o coração, ao ver a magestade, ao mesmo tempo simples e innarravel, d'uma primeira commu-nhão ás creanças?

Evoca-se-nos o nosso passado feliz. A memoria faz-nos lembrar os melhores dias da vida, quando ainda a innocencia nos roçava a sua aza doce, quando ainda tudo em nós era felicidade!

Que cerimonia mais pathetica, mais suggestiva? As creanças sobre-as um manto alvo e alvissimo; sorri-lhes no rosto a innocencia; fallam nos olhos a candura e a Fé!

A Fé, sim. Son a Fé não ha felicidade, nem individual, nem social. Em nós tudo nos leva á creença, e só o Christianismo é que é o depositario da verdadeira Creença. Os povos onde o christianismo se radica progridem. As nações onde o christianismo não domina—retrogradam. E' ver as nações onde impera o protestantismo frio, desolador...

Ora, as creanças de hoje é que, amanhã, hão de ser a sociedade. E' d'ellas que hão de sahir os ministros e os educadores. Uma necessidade,

portanto, imprimir-lhes bem fundo, no coração, os verdadeiros principios religiosos.

Porque, deixemos-nos de asneiras: sem religião o individuo torna-se uma fera, e a sociedade uma jaula de pantheras.

Mas as creanças! Quanto de sentimentalidade na retina doce dos seus olhos humidos; quanto de alegria no sorrir de perola dos seus labios de carmin!

Hoje, a innocencia, a candura. Reboada d'andorinhas; emoção emocionante de canções; lyrios na margem de lagos iriantes; e amanhã talvez a dôr soluçando gemidos; a alma vincando-se, enroscando-se nas espiras da febre dominadora do tempo... Sem fé, doentias na pallida visão de uns amores enevoados; vazio o coração, deserto, arido e secco, e a alegria infantil, a alegria suggestiva d'esse dia memorando tornada no vincar da fronte, no arfar do seio, o seio que hoje se cobre de branco, e que amanhã se obumbrará d'escuro!

Hoje, aurora hilariante. A'manhã, quem sabe, talvez uma tarde calamitosa, uma noite de sombras espessas, coaguladas!

As creanças precisam de luz e de oxigenio. São como as plantas das salas. Tirando-lhes os reverberos luminosos, estiolam, morrem. Ora, a luz da alma é a Fé, assim como a vida animal é o oxigenio na respiração e o alimento na economia dos tecidos celulares.

As festas das creanças são sempre as mais sympathicas. E' por isso que n'estas linhas des-pertenciosas, escriptas n'um momento, e ainda sob a pressão d'um mal-estar physico, eu quero que a chronica registre a festa da Igreja e a festa da rua. Na egreja a gaze subtil d'um osculo divino. Na rua a alegria expansiva da infantilidade osvoaçante.

No quintal do sr. dr. Salazar, alma sem mancha, espirito sem sombra, brincaram as creanças, bailaram e riram, por entre galhardetes, n'uma noite serena e feliz, n'uma festa sua, simplesmente sua. Na pittoresca povoação de Barcelinhos, bailaram tambem, e riram e cantaram.

E a alegria como que se via nadar em todos os rostos... O rio manso e sereno, como um fio de crystal n'uma taça de prata. E os barcos, pontos de tinta na superficie dormente, desliziavam illuminados. E os côros repetiam a toada sonora, e a muzica acompanhava aquelle riso argentino das creanças... Porque as creanças,

A Lagrima

quando cantam, como que teem nas vozes o som do crystal batendo n'uma taça de oiro!

Felizes que vós sois, loiras creanças, em cujo coração dormem as iriadas borboletas da felicidade!

O mundo, que é para nós um cairel de abysmos, um sorvedoiro medonho, um torvelinho rodopiante, é para ellas a esteira doce e luminosa das illusões côr de rosa...

Côr de rosa nas faces, côr de rosa nos corações!

Z. Saramago



INTIMOS

I

Quem pode haver, n'esta agonia lenta, n'esta cadeia immensa de martyrios, a alma côr de chumbo, n'uns delirios intimos, d'uma dôr sempre tormenta;

quem pode, n'esta lucta incruenta, a vida precissão de tristes cyrios, amaros, amarissimos colyrios, que o inferno applica á alma fosforenta;

quem pode, n'este mar atroz de dôres, lago immenso de turgidos pallôres, infinita lagôa de saudade,

—ter uma esperanza, um só clarão divino, vaga vagueante d'esse mar ondino, se o mar é Dôr, e a Dôr a Realidade!

Barcellos, 9—5—93

João do Minho



«SÃO DOS TAES ENGANOS»

—E' o que te digo, é vêr para crêr, como S. Thomé; eu quando ao primeiro m'ò disseram não acreditei, mas fui pessoalmente certificar-me.

—Homem, vamos então até lá que eu tambem quero vêr...

E estes cavalheiros, um Zé Povo e outro João de Portugal, dirigiram-se pressurosos para os lados de Barcel-

linhos, um com a ideia de convencer o amigo, e este julgando sempre que era o 1.º d'abril, que cahia n'uma esparrella, pois que João fôra sempre um barra, um finorio na intrujisse.

Quem os visse n'aquella occasião, estalaria uma gargalhada muito repetenada: Zé suava por todos os póros, não lhe valia de nada o seu *sombrero* collossal, nem o ir em mangas de camisa, e João, esse nem se lembrava de suar...

De prompto chegaram á ponte. Se até aqui poderam vir de galope, outrotanto não podiam fazer agora. Uma multidão de povo acotovellava-se, mechia-se com diffculdade, no principio da ponte; o ingresso n'ella n'esta occasião não seria muito facil fazel-o.

Ora, para elles era um desarranjo, desarranjo este que era occasionado pela curiosidade de um e pela comprovação do outro. Situação terrivel para João; quanto daria para ter azas e mais o companheiro. Chegou a lembrar-se de se atirar de punhal em punho ao povo, para chegar ao sitio desejado. Nem via, pois que alguem o cumprimentou e elle não correspondeu.

N'isto o cansaço apoderou-se d'elles: sentaram-se no andaime. Por entre a multidão João e Zé ouvian este tiroteio de ditos;

—Olha a facha...

—E o diabo não se cança.

E João indicava ac companheiro:

—Ouves fallar em facha, nem agora te convences?

—Já te disse, quero ver, tu tambem não acreditaste, porisso estou na mesma collisão em que estiveste.

Estas palavras eram punhaladas que lhe entravam na alma. Não podia empregar a palavra d'honra, ao Zé Povo: tinha-lhe mettido cada uma... por isso...

N'isto, oh suprema felicidade, oh

A Lagrima

Deus misericordioso; o povo que ali se juntava deu em debandada n'uma correria doida, vertiginosa, para Barcelinhos. Uma cantoria acompanhada a musica chamou-lhes a attenção.

João agarra no Zé, como n'um assassino e leva-o em frente á casa do snr. Benjanim Lapuz.

—Vês, disse João, e apontou-lhe um homem vestido de branco, de facha encarnada á cinta, de carapuça da mesma côr, que, n'um movimento uniforme, movimentava uma roda d'uma bomba, fazendo repuchar agua n'um lago—é ou não é elle?

—Não, meu myope, meu estúpido, disse Zé com ares napoleonicos.

Effectivamente, não era. N'essa occasião passava um typo baixo, n'um passo *doutural*, chapéu de seda muito alto, luvas n'uma mão, na outra bengalla e a barriga apertada por uma facha.

«São dos taes enganosos».



Zévil



O VINHO

Dois passos para o lado,
Dois passos para a frente,
Lá vinha embriagado
Um homem, um descrente.

Bebia como um mar
Bebendo agua d'um rio,
Andava como um louco,
Em passos de vadio.

A's tardes, á noitinha,

Par'cia um desvairado,
Com olhos de *dominha*
Com *todo* malcreado.

Ninguem se conduza
do pobre *baqueante*,
Pois n'elle só se via
O vulto d'um pedante.

O seu amigo... o vinho,
Que tanto idolatrava,
Saia-lhe ao caminho
Com modo que assustava.

E elle, esse descrente
De vida horripilante,
Lá ia reverente
Sorvel-o n'um instante.

Barcellos 1-7-93

Ferdinand.



A facha e o dandysmo

O «Diario Illustrado», de 22 de junho, 3.^a pagina e 3.^a columna, sob a epigraphe—*aqui e acolá*, escreve:

«Consagramos esta secção ao homens, aos nossos elegantes que *tencionem partir para as estações d'aguas* mais frequentadas pelo alto mundo.»

Depois, descreve algumas «toilettes» e diz:

«Os fatos de flanela branca *para as praias e estações d'agua* vão passando de moda, devendo ser substituidos por «veston» azul e calça de «hemespum» branco, especie de cheviote. Esta «toilette» dispensa o colete. A calça é apertada por meio d'uma **cinta** de côr, azul, encarnada, ou mesmo preta. *Completa este traje* um chapéu de palha de abas largas.»

Depois d'isto, do que ahi fica transcripto, conclue-se:

A Lagrima

1.º—Que os dandys de Barcellos, indo ao «Diario Illustrado» buscar o figurino para os seus fatos, castraram a «toilete» porque não mandaram vir o chapéu de palha de abas largas:

2.º—Que são obtusos d'espírito, effeito, talvez, de muita feijoada, porque o «Illustrado» diz que aquella «toilette» é para as *estações d'aguas* e para as praias, e elles saracoteiam-se com ella ahí pelo jardim publico, que não é praia nem estação d'agua, ainda que elles assim o pensem.

3.º—Que a cinta de seda é para *apertar a calça*, e não para fazer calor ao estomago, a não ser que as abas largas do chapéu, como é de palha, e ainda ninguem o viu, esteja na barriga d'algun ruminante, a fazer dôres...

4.º—Que o *normando* da chamada ao «Diario Illustrado», em logar de defender os dandys, veio enterral-os ainda mais n'uma paparenta poça de ridiculo e de escarninho pedantismo.



TERTIUS GAUDET

Dizia, ha duas semanas, o João da Costa:

—O' compadre, a tua criada anda tão grossa...

—Aquillo é roupa, respondeu o Anacleto.

*

Passados quatro mezes:

—O' compadre, dizia o Anacleto, parece que se rosna um pouco de ti com a minha criada...

—Isso são más linguas.

*

A Genoveva deu á luz uma menina.

—Ah compadre João, que bem me enganaste.

| Ou tu a mim, retorquiu o Anacleto.

—?

—Pois qual é o paeda creança?

—O' sr. Anacleto: e não será o padre Augusto, dizia do lado a madrinha...

—Sim, sim. Comeu-n'os os sarrabulhos e o resto...

Tableau

Barcellos, 30—6—93 J. do M.



Um assignante da «Lagrima», depois de ler e admirar a notavel obra litteraria—a «Morte de Saluchristo», de que auctor o mavioso poeta das «Rod'um dia», lembrou-se de, com a devida venia, offerecer á admiração do nosso sublinevate os seguintes versos:

Ao rei da harmonia, ao vate immenso
Cujo nome scintilla entre o incenso,
Cantando espalharei por toda a parte
Embora com receio de enfadar-te.
O genio te circunda a fronte altiva
E n'ella do talento a luz bem viva,
Ao mundo vem mostrar que em Portugal
Se cultiva a hygiene e a moral.
Ignoras quem eu sou e no entanto
(Embora a muita gente cause espanto),
Sem desculpa pedir do atrevimento,
Eu venho curvar-me ao teu talento.
Perdôas-me aste a.rojo, bem o sinto;
Os versos teus, prefiro aos de Filinto,
E, crê-me, a tua prosa me faz tonto!
As vezes que te leio não tem conto,
Nem tão pouco as que gabo o teu assumpto
O teu nome verás ainda junto
Aos de Horacio, Corneille e Boileau;
Da ingratição o tempo já passou.
Mas se os criticos d'hoje, os Neros,
Uns alarves, pedantes desmarcados,
Te disserem meus versos são errados
Responde-lhe por mim que são sinceros.